

Em ouro e alma: diálogos entre Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa

Adriano Eysen*

SÁ-CARNEIRO, Mário de (2015). *Em ouro e alma – correspondência com Fernando Pessoa*. Edição de Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china, 670 p.

Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa forjaram, na primeira década do século XX, umas das mais relevantes conversas epistolares das Literaturas de Língua Portuguesa. Trata-se de dois autores canônicos dedicados de forma primordial a uma reinvenção do universo das letras lusitanas. Por conseguinte, a ida do poeta de *Dispersão* para Paris, em 13 de outubro de 1912, e a permanência de Pessoa em Lisboa foram *leitmotivos* para uma troca intelectual, artística e afetiva reveladas no corpo verbal de mais de duas centenas de cartas. Eis aqui experiências que podem ser percebidas substancialmente nas exatas 670 páginas da obra *Em ouro e alma – correspondência com Fernando Pessoa*, organizada pelos professores e investigadores Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro.

Com efeito, o livro é uma edição crítico-genética publicada, no ano de 2015, pela editora Tinta-da-china (Lisboa). Aqui, importa ressaltar que nele estão editados os textos a partir dos originais de Sá-Carneiro e Pessoa existentes na Biblioteca Nacional de Portugal e em coleções particulares (não reveladas). Logo de início, Vasconcelos e Pizarro brindam os leitores com uma apresentação de alto nível ratificando o profundo conhecimento que ambos têm sobre o assunto.

Notamos, portanto, um trabalho de pesquisa exaustivo que oportuniza a pesquisadores e amantes das letras um mergulho gradual por entre as malhas escriturais de um jovem autor a transitar sob a ambiência cultural parisiense. Assim, as cartas do escritor de *A Confissão de Lúcio* são uma biografia do seu processo de criação em prosa e poesia, bem como da sua própria condição de ser humano no mundo.

Mário de Sá-Carneiro, detentor do *tedium vitae* e do *spleen* romântico e simbolista, imprime no seu discurso epistolar uma sensação sempre recorrente da incompletude na qual se firma um vazio oriundo de um sujeito entediado e solitário. Consequentemente, no conjunto de sua obra, vida e morte se entrelaçam numa tônica lírica de requinte metafórico, cromático e musical. Nesse contexto, o homem e o artista se amalgamam, uma vez que, para o poeta, eles são indissociáveis:

* Professor Doutor de Literatura Brasileira e Portuguesa da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIV, Departamento de Educação de Conceição do Coité – Bahia.

Ao triunfo maior, avante pois!
 O meu destino é outro – é alto e é raro.
 Unicamente custa muito caro:
 A tristeza de nunca sermos dois...

Nos recônditos da sua consciência, Sá-Carneiro sabia que a vida não lhe bastava, pois a sua alma, “nostálgica de além”, reinventou-se numa ânsia de “saltar na bruma, | Correr no azul à busca da beleza”. Por certo, as cartas são um corpo linguístico testemunhal no qual a voz do poeta reverbera de maneira cíclica a construção da sua singularidade humana e literária. Em especial, o diálogo epistolar com Fernando Pessoa é condição *sine qua non* para se conhecer, conforme pontuam Vasconcelos e Pizarro, “substancialmente o contexto de origem e a evolução da própria obra de Mário de Sá-Carneiro e, até certo ponto, de Pessoa” (15). Nessa perspectiva, a cumplicidade artística e fraternal desses dois poetas contribuiu, sobretudo de 1913 a 1916, para a constituição constelar de dois gênios cuja a arte literária há décadas brilha *per si*.

A afetividade, a admiração e o respeito recíprocos aproximaram duas almas potencializadas pelo mal-estar da vida moderna. No fundo, são dois seres em permanente desassossego a transitar pelos caminhos curvilíneos da realidade e da ficção. A perturbadora consciência de Sá-Carneiro o fez deambular por Paris sentindo-a em profundidade. Desde logo, ergueu-se um *flâneur* a explodir em sensações no fluxo urbano da capital francesa; ela que se tornou força embrionária da sua literatura. A *flânerie* do poeta revelou-se no primeiro ano de correspondência com seu amigo.

Eis, a seguir, o parágrafo inicial da segunda carta (20 de outubro de 1912) encaminhada para Pessoa: “Francamente não tenho nada de interessante a dizer-lhe. Cá vou passeando pelos *boulevards* como aí pelo Rocio e rua do Ouro. Simplesmente não topo nem com o Castañé das cartas amorosas nem com o eterno Ramos da *Quimera*...” (33).

Com apenas quatro dias sob a ambiência parisiense, Mário de Sá-Carneiro expôs para o autor de *Mensagem* as suas primeiras impressões urbanas. Numa outra epístola, datada de dois de dezembro de 1912, ele mais uma vez ressalta ao companheiro o seu movimento pela metrópole:

[...] Sem motivos, como sem motivos as crises se agravam. São talvez influencias subconscientes, e a atmosfera, o perfume do ar, a côr do ceu, as pessoas que em redor de nós circulam – tem talvez imperio sobre o nosso estado. Havia pouco sol e m[ui]to frio. Vaguei solitario pelo meio dia nos *boulevards*. E como fosse domingo e êles corressem vazios de gente, o scenario foi-me grato; o ar cheirava bem = senti-me confortado.

(45)

Inegavelmente, o vínculo de Sá-Carneiro com Paris era visceral e foi nela que o escritor cultivou as suas grandes ambições literárias e se (re)inventou, de

forma obsessiva, personagem principal da sua própria escrita. Decerto, além das cartas, os postais ilustrados e os materiais timbrados presentes *Em ouro e alma* corroboram para que os leitores notem a fisionomia de Paris arquitetada por Sá-Carneiro ao longo da sua curta existência.

Nessa edição crítica, Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro preocuparam-se em explorar as diversas e ricas informações contidas no conjunto desses documentos. Para isso, os estudiosos não pouparam esforços com intuito de ofertar a pesquisadores e curiosos a mais completa das edições realizadas até o recorrente ano. Nessa esteira, o livro traz novos manuscritos de Sá-Carneiro; aprimora “anteriores leituras dos originais” (19); analisa rigorosamente “os seus suportes materiais e a marginália pessoana neles presentes” (19) que são, como ressaltam os organizadores, “amplamente fac-similadas” (19), dando grande relevância à riqueza gráfica dos textos.

Nessa acepção, importa frisar que o livro apresenta, outrossim, quatro indispensáveis secções de anexos referentes ao enquadramento dos diálogos entre os dois poetas, além de proporcionar aos estudiosos uma restauração de alto nível da ortografia original de Mário de Sá-Carneiro. Destarte, estamos a falar de uma edição que registrou não só essa ortografia, porém trouxe também alguns outros aspectos genéticos capazes de fornecer dados essenciais aos pesquisadores a respeito do estabelecimento dos textos editados.

A riqueza do trabalho filológico de Vasconcelos e Pizarro ainda se percebe pelo seu aparato crítico e genético. Em relação ao primeiro, somos agraciados com cerca de 350 notas de rodapé que nos fazem conhecer mais a fundo os conteúdos das correspondências. No tocante ao segundo, existem por volta de 2700 notas presentes nas páginas finais do livro, apresentando, de forma descritiva, os materiais, assim como documentando os diversos aspectos da transcrição, da ortografia e das alterações que Sá-Carneiro realizava em seus manuscritos.

Em verdade, todo esse arsenal investigativo mune os leitores para uma incursão mais substancial na vida e na obra daquele que se auto-intitulou de o “esfinge gorda”, além de nos proporcionar um trânsito mais lúcido pelas vias do Modernismo português. Daí, a importância de percorrermos o universo caudal dessas correspondências que se agigantam em ouro e alma. Por ora, aparelhados por esta obra que nos chega do outro lado do Atlântico, continuemos a bricolagem da nossa leitura crítica.

A epistolografia de Mário de Sá-Carneiro revela uma vasta riqueza temática que abrange desde alguns aspectos sócio-políticos e culturais, da primeira metade do século XX, na Europa, sobretudo em Portugal e França, como tece marcadamente uma autobiografia entrelaçada ao pensar e ao fazer a sua própria ficção. Agiganta-se, portanto, conforme já definira Arnaldo Saraiva, “um dos mais espantosos epistológrafos da literatura portuguesa” (“Mário de Sá-Carneiro: uma carta inédita”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 6, 1981, p. 5). A tempo, apenas

acrescentaríamos: um dos maiores missivistas das Literaturas de Língua Portuguesa.

Por certo, *Em Ouro e alma – correspondência com Fernando Pessoa* é um livro há muito esperada pelos especialistas de Sá-Carneiro e Pessoa, pois Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro elaboraram também o mais completo índice onomástico criado até então no tocante à epistolografia em destaque. Em relação aos novos manuscritos, os estudiosos trazem, pela primeira vez, a transcrição das cópias autografadas de poemas como “Sete Canções de Declínio”, “Desquite”, “Caranquejola”, “Ápice” e “Aquele Outro”, textos que, conforme ressaltam os autores, “acompanhavam originalmente a correspondência e que integram hoje a coleção de um particular”.

Chama-nos a atenção, ainda, outros textos presentes na edição, a exemplo das cartas de Fernando Pessoa para o poeta de *Indícios de ouro*, alguns escritos de Pessoa sobre seu companheiro de *Orpheu*, um poema de Álvaro de Campos e as epístolas de Carlos Ferreira e José Araújo, amigos de Sá-Carneiro.

Nesse contexto, o *corpus* epistolar enviado ao criador dos heterônimos pode ser consultado na sua inteireza a partir desta primorosa edição de Vasconcelos e Pizarro. Nela figuram diálogos que se fazem fontes de indicações e instruções para melhor compreendermos os textos literários de Mário de Sá-Carneiro e, por vezes, de Pessoa. Na sua natureza essencial, o epistolário do escritor de *Princípio* é o movimento da própria linguagem ficcional sobre si mesma numa tentativa de reinventar-se. Então, as cartas de Sá-Carneiro são um testemunho da interlocução recíproca de dois poetas que se estenderam as mãos numa tentativa frontal de revolucionar a literatura lusitana.

Desse modo, *Em Ouro e alma – correspondência com Fernando Pessoa* traz acuradas chaves de leitura com o escopo de aproximar, conforme sublinham os investigadores, “o leitor dos manuscritos de Sá-Carneiro e também das suas idiossincrasias na escrita” (30). Em suma, resta-nos percorrer a potência genial da sua linguagem capaz de transubstanciar anseios, espasmos, ausências, dores e ideais numa literatura de altas tensões criativas pejada de sentidos, tons e pensamentos sem precedentes na nossa língua.